



A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

TÂNIA VIEIRA DA SILVA; MÔNICA ALENCAR MIRANDA; LUCINEIDE SILVA DE ARAÚJO; ELZIMAR MENDES DE MENEZES SILVA; LEDA VICTOR DE OLIVEIRA

RESUMO

O presente estudo aborda a inclusão digital e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O artigo objetiva-se discutir a inclusão digital, as contribuições no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem apresentando de maneira evidente as contribuições tecnológicas presentes nesta fase de ensino. Assim, a pesquisa é de metodologia qualitativa, realizada por meio de uma revisão bibliográfica. Para isso, foram empregadas técnicas de pesquisa em livros, periódicos e sites, a fim de esclarecer como a inclusão digital se manifesta dentro do processo educativo na EJA e como contribui para a formação dos indivíduos, conforme os resultados obtidos. No contexto dos mais velhos, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma chance de reintegração social e reconhecimento da vivência acumulada. É fundamental que o educador compreenda que a aprendizagem entre os idosos pode ocorrer de forma mais gradual, porém igualmente valiosa. A adoção de tecnologias, como o uso de smartphones, a exploração de plataformas digitais e a interação nas redes sociais, são ações cruciais para fomentar a autonomia e a inclusão digital, elementos indispensáveis para a participação desses estudantes em uma sociedade que se torna cada vez mais interconectada. As pesquisas demonstram que a inclusão digital, quando tratada de maneira pedagógica, favorece o empoderamento dos alunos, possibilitando sua atuação ativa na sociedade atual. Assim, pode-se concluir que a EJA, ao alinhar as demandas particulares de seu público com as tecnologias digitais, reafirma sua função como um ambiente de transformação social e reconfiguração de trajetórias educacionais interrompidas.

Palavras-chave: Educação; Tecnologia; Interação.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo justifica-se por trazer uma abordagem de extrema importância sobre a inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que atualmente atende a uma audiência variada, englobando idosos, jovens e adultos que interromperam seus estudos por diferentes razões, além de pessoas com deficiência e imigrantes que desejam aprender português e se integrar à sociedade brasileira. Em um cenário caracterizado pela “modernidade líquida” de Zygmunt Bauman (2001) e pelas rápidas mudanças tecnológicas no mundo atual. A pesquisa investiga de que forma a EJA pode facilitar a inclusão social e a autonomia através da alfabetização digital.

No entanto, a presente pesquisa é de metodologia qualitativa, realizada por meio de uma revisão bibliográfica. Para isso, foram empregadas técnicas de pesquisa em livros, periódicos e sites, a fim de esclarecer como a inclusão digital se manifesta dentro do processo educativo na EJA e como contribui para a formação dos indivíduos, conforme os resultados obtidos.

A EJA, ao unir as necessidades particulares de seus distintos públicos às oportunidades oferecidas pelas tecnologias digitais, reforça sua função como um ambiente de transformação social, cidadania e reestruturação de trajetórias educacionais interrompidas.

O artigo objetiva-se discutir a inclusão digital, as contribuições no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem apresentando de maneira evidente as contribuições tecnológicas presentes nesta fase de ensino.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Esse estudo se apropriou de cunho qualitativo sob a técnica de levantamento bibliográfico, configurando-se em pesquisas documentais diversas e informações de importantes autores nos estudos realizados por Bonilla (2005), Freire (1996), Saviani (2008), Valente (1999), entre outros que serviram de suporte, de forma a compreender o tema abordado, onde foi possível aprofundar o conteúdo por meio de livros, artigos e revistas.

Dessa forma, como um estudo bibliográfico, usamos autores já criados no setor educacional, na qual foi buscado artigos científicos relacionados ao tema como forma de enriquecer o presente estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O início da era tecnológica foi marcado na década de 1970, com a adoção de materiais digitais para fins educacionais, permitindo que os avanços do século XX fossem responsáveis pela revolução técnico-científica, trazendo os meios de comunicação social para dentro da educação. Essa evolução continuou através da popularização de dispositivos digitais como smartphones e tablets, permitindo que a internet se consolidasse no ambiente social e educacional, facilitando a tarefa dos professores na preparação de materiais pedagógicos e na avaliação das turmas, além de fortalecer o aprendizado dos alunos.

O termo inclusão digital surgiu da expressão "digital inclusion" em inglês, que se refere à "divisão digital" e representa a expansão do ambiente digital com o propósito de melhorar as condições de uma região ou comunidade, assegurando a todas as classes sociais o acesso às tecnologias de informação e comunicação (TICs). Para que esse processo de inclusão digital aconteça, são necessários três elementos essenciais: dispositivos para conexão, acesso à rede e domínio desses equipamentos. É importante ressaltar que, para que o processo seja bem-sucedido, é fundamental contar com profissionais que compreendam e dominem o sistema tecnológico, pois não se trata apenas de equipamentos, mas também de conhecimentos, para que os alunos da EJA não sejam excluídos da sociedade digital.

A trajetória da EJA no Brasil é, portanto, caracterizada por desafios e vitórias. As políticas públicas têm se desenvolvido para aumentar o acesso e a continuidade dos alunos na educação, mas ainda persistem obstáculos que precisam ser superados para assegurar que a EJA desempenhe sua função de transformação social e diminuição das desigualdades. A atuação de autores como Saviani (2008) e Freire (1996) é essencial para entender a EJA como um instrumento de inclusão social e de mudança na realidade educacional e social de jovens e adultos no Brasil.

De acordo com Valente (1999, p. 12) “Essas mudanças são necessárias para que a informática e outras soluções pedagógicas inovadoras possam efetivamente estar a serviço da formação de alunos preparados para viver na sociedade do conhecimento.” Quando o autor menciona a sociedade do conhecimento, ele se refere às diversas formas de utilização dos recursos tecnológicos, uma vez que a aplicação de tecnologias nas salas de aula está em constante crescimento, tornando-se uma ferramenta pedagógica crucial no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, especialmente em relação aos indivíduos da Educação de Jovens e Adultos. A utilização de recursos digitais oferece perspectivas críticas, sociais e participativas, promovendo mudanças significativas na maneira como os estudantes geram novos conhecimentos, conceitos e valores, levando a transformações no tratamento social. Nesse sentido, Bonilla (2005) destaca que:

[...] as tecnologias transformam as linguagens, os ritmos e modalidades da comunicação, da percepção e do pensamento, operam com proposições, exteriorizam, objetivam, virtualizam funções cognitivas e atividades mentais, [e por isso] devem ser vistas como possibilidades de criação, de pesquisa, de cultura, de reinvenção. (BONILLA, 2005, p. 79).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil se destaca como um espaço de luta e renovação, representando para muitos uma chance de recuperar um direito que lhes foi negado ao longo de suas vidas. Mais do que um simples retorno à sala de aula, a EJA representa a recuperação da cidadania e a inclusão social em um país repleto de desigualdades históricas. Os alunos que chegam à EJA possuem histórias variadas, mas todos têm em comum o desejo de aprender conhecimentos e habilidades que foram anteriormente fora de seu alcance.

As razões para essa busca são diversas: desde aprender a ler e escrever pela primeira vez, reencontrar o caminho escolar interrompido, até garantir melhores oportunidades no mercado de trabalho, ou ainda, entender e dominar as tecnologias digitais que definem o mundo atual.

Segundo Freire (1996, p. 48) “O processo de alfabetização válido entre nós é aquele que (...) não se satisfaz apenas (...) com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre leitura da palavra, leitura do mundo e leitura da realidade.”

Além da alfabetização convencional, a EJA atualmente se depara com o desafio de integrar seus alunos ao mundo digital. Na sociedade moderna, habilidades tecnológicas são fundamentais não apenas para se inserir no mercado de trabalho, mas também para o exercício completo da cidadania. Assim, as políticas educacionais direcionadas à EJA devem incluir a formação digital como uma prioridade, reconhecendo que o acesso à tecnologia é um elemento crucial para combater as desigualdades sociais.

Ao adotar uma perspectiva humanizada, a pesquisa procura não apenas entender os obstáculos e as possibilidades da EJA, mas também sugerir caminhos para criar práticas pedagógicas que respeitem as narrativas de vida e as ambições dos alunos, um espaço de reconhecimento e pertencimento, um ambiente que apoie a superação dos estigmas ligados ao fracasso escolar ou à exclusão educacional. É um local onde se estabelecem conexões entre o passado e o futuro, permitindo que essas pessoas se percebam como protagonistas de mudança, tanto em suas vidas pessoais quanto na sociedade.

Nota-se que, gradualmente, as máquinas têm conquistado espaço em nosso cotidiano e, atualmente, praticamente tudo está centrado na informatização. As informações são geradas e consumidas em uma velocidade impressionante pelos seres humanos. Contudo, é fundamental entendermos essas novas características que permeiam o mundo atual para que possamos participar ativamente dessa nova sociedade.

É inegável que a informatização oferece diversos benefícios para o ser humano, como a agilidade na troca de informações, a capacidade de nos comunicarmos com qualquer pessoa em qualquer ponto do planeta, além de facilitar a realização de tarefas, o raciocínio sobre questões, a busca por dados, imagens, músicas ou cultura em geral, entre muitos outros aspectos que tornam a informática um elemento essencial na vida contemporânea.

Assim, é fundamental que o educador esteja ciente do impacto da condição socioeconômica desses jovens, promovendo espaços de diálogo e oferecendo alternativas que contribuam para a diminuição do estigma e das dificuldades encontradas ao retornar ao aprendizado. Na perspectiva freiriana da educação, o ensino é concebido como um processo colaborativo, onde educador e educando se envolvem ativamente na construção do saber. Paulo Freire (1996) propõe uma educação que respeite as experiências de vida dos alunos, reconhecendo suas narrativas e contextos. Nesse cenário, o professor é considerado um facilitador do aprendizado, incentivando o pensamento crítico e a reflexão sobre o mundo em

que o aluno está inserido, tornando o processo mais humanizado e transformador.

Entretanto, a modalidade de ensino voltada à Educação de Jovens e Adultos enfrenta grandes desafios na implementação da inclusão digital, sendo essa a área que mais precisa de atenção, o que desencadeia diversas discussões. Essas pessoas já estão excluídas da sociedade devido à sua falta de habilidades de leitura e escrita, e com o surgimento das tecnologias, acabam sendo também excluídas digitalmente. Consequentemente, possibilitar o acesso a essas Tecnologias da Informação e Comunicação permitirá que elas se integrem à contemporaneidade e adquiram habilidades para utilizá-las como suporte no processo de alfabetização. Sendo assim,

(...) é preciso formar os indivíduos para uma nova cidadania, que possam ser capazes de participar efetivamente da vida social e política, assumindo tarefas e responsabilidades. Mas um cidadão ou cidadã que saiba se comunicar nos mais diferentes níveis, dialogar num mundo interativo e interdependente, impregnado dos instrumentos de sua cultura, utilizando-os para sua emancipação, transformação, libertação e transcendência. Acreditamos que caberá à educação desenvolver competências fundamentais no sentido de capacitá-lo para assumir o comando da própria vida, para uma participação mais direta, efetiva e responsável na vida em sociedade. Educá-lo para que seja membro de uma cultura moderna, capaz de integrar o sistema produtivo fazendo uso dos insumos e produzindo em harmonia com o seu meio natural e social. Educá-la para que seja um consumidor consciente, capaz de tomar posse das informações produzidas no mundo e que afetam sua vida como cidadã. (MORAES, 1999, p. 123)

Portanto, é fundamental assegurar educação para todos os jovens e adultos que não são alfabetizados ou não tiveram acesso à escolarização, por meio de uma prática pedagógica baseada em princípios ético-políticos que valorizem a dignidade humana e suas vivências culturais, visto que todos têm direito à educação. É por meio do aprendizado que esses indivíduos poderão ser reconhecidos na sociedade e deixarão de ser marginalizados, viabilizando a formação e o crescimento dos educandos enquanto seres humanos e cidadãos.

Nesse contexto, um aspecto amplamente aceito é que a capacitação do cidadão para acessar o mundo digital está diretamente ligada à qualidade da formação dos educadores. Para adequar-se a essa nova perspectiva, é fundamental dedicar atenção tanto à formação inicial dos novos professores quanto à formação continuada daqueles já em atuação. Dessa maneira, a contínua capacitação do educador se transforma em uma obrigação a ser considerada como um processo constante, integrado à sua rotina e à das instituições de ensino, e não como uma atividade periférica em relação aos projetos profissionais dos docentes ou à estrutura da escola.

A EJA envolve uma variedade de públicos com realidades diversas. Para os estudantes mais novos, a escola simboliza uma oportunidade de reaver um direito à aprendizagem que foi interrompido, geralmente pela necessidade de trabalhar para auxiliar a família. O educador deve enxergar esses alunos com uma perspectiva compreensiva, oferecendo-lhes não apenas conhecimentos acadêmicos, mas também o apoio emocional que é fundamental para enfrentar as dificuldades de equilibrar o trabalho, os estudos e os desafios familiares.

4 CONCLUSÃO

O estudo realizado sobre a inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA) evidenciou a relevância da adoção de tecnologias no ensino, principalmente para alunos mais velhos. Os achados mostraram que a inclusão digital transcende o simples acesso a dispositivos tecnológicos, sendo fundamental para estimular cidadania, empoderamento e engajamento ativo na comunidade.

Apesar dos obstáculos encontrados, como a falta de conhecimento no uso das tecnologias e a insuficiência de infraestrutura em algumas instituições, acredita-se que a

inclusão digital na EJA é viável. Para isso, é fundamental que os educadores sejam empáticos, adaptáveis e dedicados ao aprendizado de todos.

Dessa forma, a formação de jovens e adultos desempenha uma função crucial ao permitir que esses indivíduos não apenas se ajustem, mas também reinterpretem suas vidas e alcancem autonomia em uma sociedade que se torna cada vez mais fluida e complexa. Nesse cenário, abordagens educacionais que incentivam o protagonismo dos alunos e reconhecem suas experiências individuais e coletivas se tornam indispensáveis, exigindo métodos pedagógicos inclusivos e personalizados, centrados no papel ativo do estudante.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola aprendente: para além da sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MORAES, M. C. Novas Tendências para o uso das Tecnologias da Informação na Educação. In: FAZENDA, I. et al. **Interdisciplinaridade e novas tecnologias**. Campo Grande, Ed: UFMS, 1999, p. 121-154.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

VALENTE, José Armando (org.); BARANAUSKAS, Maria Cecília Calani; DA ROCHA, Heloísa Vieira; MARTINS, Maria Cecília; D'ABREU, João Vilhete Viegas. **O Computador na Sociedade do Conhecimento**. Campinas – SP: UNICAMP/NIED, 1999.